

OS DESAFIOS DAS MULHERES TELEJORNALISTAS NO PARANÁ

THE CHALLENGES OF FEMALE NEWSCASTERS IN PARANÁ

RESUMO

Neste artigo, analisamos discursos emitidos por cinco mulheres telejornalistas inseridas nas seguintes emissoras televisivas paranaenses: BAND, RIC, Rede Massa e RPC; tomando como base os teóricos/as do universo do trabalho, Karl Marx e Friedrich Engels, da Análise do Discurso, Michel Foucault e das discussões de gênero, Helena Hirata, com o objetivo de compreender se existe um perfil comum das mulheres jornalistas, buscando delimitar motivos que possam contribuir para o estabelecimento de uma identidade construída a partir dos discursos convergentes das entrevistadas. A partir dos dados levantados, constatamos que a presença das mulheres no meio telejornalístico é concreta e substantiva, uma vez que elas protagonizam programas em horários nobres. Contudo, muitos são os fatores que dificultam a ascensão para cargos de prestígio ou visibilidade, como a Gerência ou a Direção. A maternidade, o padrão estético, e as construções ideológicas em que está pautada a sociedade, foram relatados como sendo responsáveis por dificultar a trajetória laboral.

Palavras-chave: Jornalismo no Paraná. Relações de gênero. Trabalho.

ABSTRACT

In this article, we analyzed speeches delivered by five women newscasters on the following television stations in Paraná: BAND, RIC, Rede Massa and RPC; based on the theoreticians of the work universe, Karl Marx and Friedrich Engels, from Discourse Analysis, Michel Foucault and from gender discussions, Helena Hirata, in order to understand if there is a common profile of women journalists, seeking to delimit reasons that can contribute to the establishment of an identity constructed from the convergent speeches of the interviewees. From the data collected, we found that the presence of women in the news media is concrete and substantive, since they star in programs at prime times. However, there are many factors that make it difficult to ascend to positions of prestige or visibility, such as Management or Direction. Motherhood, the aesthetic standard, and the ideological constructions in which society is based, were reported to be responsible for hindering the work trajectory.

Giselle Quaesner

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil Email: giquaesner@gmail.com

Kalyane M. M. Kowalski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. Email: kalyanemarie@gmail.com

Angela M. R. Fanini

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. Email: rubel@utfpr.edu.br

Lindamir S. Casagrande

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. Email: lindasc2002@gmail.com

Keywords: Journalism in the Paraná. Gender relations. Work.

Delimitação do *corpus* de pesquisa

Como resultado de pesquisas bibliográfica, exploratória e de campo, que se deram a partir de entrevistas realizadas com cinco telejornalistas inseridas em nas quatro redes televisivas de maior audiência no Estado do Paraná, neste artigo, realizamos uma análise dos discursos capturados a fim de compreender os desafios enfrentados pelas mulheres no mercado da comunicação telejornalística paranaense. As redes televisivas que selecionamos foram, a saber: a Rede Bandeirantes – BAND; Rede Independente de Comunicação – RIC, que é afiliada à Rede Record; Rede Massa, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão – SBT; e Rede Paranaense de Comunicação – RPC, afiliada à Rede Globo. As profissionais que ocupam, ou ocuparam, posições de destaque, foram: Adriana Milczewski, Adriane Werner, Alessandra Consoli, Iara Maggioni e Kelly Pedrita¹.

Percebemos haver carência de estudos de gênero no meio jornalístico no Estado do Paraná e tal constatação nos impulsionou a desenvolver a pesquisa, buscando por nomes de mulheres que se destacam, ou se destacaram, na profissão, e analisando suas percepções e experiências, sobretudo no que tange as distinções relacionadas ao fato de elas serem mulheres no referido mercado de trabalho. Estudamos a trajetória laboral e existencial dessas profissionais, realizando uma análise dos discursos emitidos, com o objetivo de compreender se existe um perfil generalista para mulheres jornalistas, buscando delinear certos fatores que possam contribuir para a fixação de uma identidade construída a partir dos discursos convergentes das entrevistadas.

O universo do trabalho e a inserção das mulheres: a colonização da vida pelo trabalho

Ao tentarmos compreender como funcionar esse mercado profissional específico, e as relações de gênero nele presentes, procuramos significados atribuídos ao trabalho e, mais especificamente, ao que é designado às mulheres. Investigadores/as como Ricardo Antunes pesquisaram a centralidade do trabalho ao longo da História, e muitos, como Karl Marx e Friedrich Engels, concordam com a ideia de que o que diferencia o ser humano dos outros animais é o trabalho, isto é, o ato de transformar a natureza em função das próprias necessidades. Esse labor exige muito mais do que um contato direto e mecânico com os recursos naturais, cada ação precisa ser mediada, regulada, e controlada pelo ser humano (Marx, 1996). A tradição

¹ As profissionais permitiram o uso de suas verdadeiras identidades.

marxista é a que mais se vincula à discussão do trabalho como fator ontológico para a transformação do animal em ser social.

Um processo entre homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua vida (Marx, 1996: 297).

Contudo, a mudança da natureza não se resume a um ato mecânico no qual o ser humano altera a matéria sem consciência de suas ações, mas o processo é previamente imaginado para que se possa obter o resultado esperado. “No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador [...]” (Marx, 1996: 298). Dada a importância do trabalho, este artigo também advoga pela linguagem como condição ontológica para a compreensão de um universo tão complexo como o laboral. O ser humano não só trabalha, mas fala, discursa, e escreve sobre trabalho. Nesse sentido, apostamos na interpretação das falas femininas para entendermos como esse público vivencia o labor e enfrenta as dificuldades e desafios associadas a ele.

Quando o ser humano tomou ciência de sua capacidade de transformar a natureza em subsídios úteis a si, começaram a estabelecer-se, também, as relações de poder que permitem que alguns se apropriem dos frutos do trabalho alheio, privatizando os meios de produção e controlando a circulação de mercadorias. Classes sociais, divisão de trabalho, concentração de recursos, e a propriedade privada andam a *pari passu* nesse processo. Essa estrutura, que decide quem tem poder e quem se submete a ele.

A presença das mulheres no referido campo profissional define-se com o surgimento da propriedade privada, visto que, em análises históricas realizadas por Friedrich Engels (1984) sobre as descobertas do antropólogo Lewis Morgan, desde os romanos antigos e o surgimento da herança e testamento, as mulheres foram consideradas propriedades privadas dos homens. Tal subordinação se deu pelo domínio hegemônico de uma sociedade patriarcal, na qual o poder, nas mãos dos homens, oprimiu as ações das mulheres.

Com a industrialização, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, os interesses burgueses fizeram com que as mulheres fossem incluídas no mercado de trabalho, visando o aumento da produção. Isso se deu de modo precário e a divisão sexual do trabalho não foi alterada, segundo a perspectiva da família tradicional, “na qual o homem é o principal/único provedor e a mulher, a principal/exclusiva responsável pela esfera privada (cuidar da casa e da família)” (Abramo, 2007: 28). Seguindo essa perspectiva, ainda podemos constatar que:

[...] houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços; verificou-se uma significativa heterogeneização do trabalho, expressa também através da crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário; vivencia-se também uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, “terceirizado” [...] (Antunes, 2002: 48).

A transição do privado para o público determinou mais agudamente a divisão sexual do trabalho que, junto à concepção tradicional familiar, culpabiliza as mulheres pelo abandono das tarefas domésticas para assumir um papel secundário na provisão do lar. O advento da sociedade consumista e industrial, em que o trabalho assalariado surge como atividade que toma quase o tempo todo dos cidadãos, mobiliza o universo feminino, que precisa se agregar ao labor industrial, acarretando a dupla jornada de trabalho, pois a mulher continua a protagonizar o espaço doméstico, gerando desgaste físico e mental.

Obviamente a questão das classes sociais é levantada após esse fenômeno, visto que as mulheres pertencentes à dita elite não são chamadas para as fábricas e continuam a se servir de serviços no espaço doméstico, não exercendo nenhum tipo de trabalho, seja ele assalariado ou não. Esse cenário passa para o século XX sem grandes alterações. No Brasil, as mulheres pobres sempre trabalharam em duplas jornadas. No século XX, quando as classes médias se formam, observamos a entrada das mulheres nas profissões liberais, sobretudo após a década de 30, quando o universo feminino inicia, de modo substancial a qualificação profissional, formando engenheiras, médicas, advogadas, professoras universitárias, jornalistas, etc..

Embora na atualidade as mulheres tenham conquistado quase todos os espaços profissionais tradicionalmente masculinos, ainda percebemos as diferenças salariais, a dificuldade de ascensão para cargos de gerência e diretoria, a discriminação, a sobrecarga familiar nos afazeres domésticos, e outros fatores que impedem a equivalência de tratamento entre homens e mulheres no ambiente laboral. Da mesma forma, é mister enfatizar que o mercado de trabalho passa a explorar o trabalho feminino assim como sempre fez com o trabalho masculino. Entretanto, a atuação das mulheres nesse cenário pode contribuir para sua libertação, uma vez que elas comparecem na esfera pública e podem questioná-la. Para isso, as mulheres precisam repensar sua inserção no ambiente de trabalho e problematizar o universo capitalista que a todos, e todas, precariza, gerando sofrimento físico e psíquico para os/as assalariados/as.

As divisões laborais dentro das emissoras

Antes de realizarmos as entrevistas foi necessário investigar o ambiente profissional escolhido, para cruzar os dados coletados com as percepções das profissionais que vivenciam tal realidade. Em uma esfera profissional cuja figura dos/as trabalhadores/as parece estar sempre em evidência, fatores como a divisão sexual do trabalho podem permanecer ocultos pela impressão de que as telas expõem o cenário telejornalístico tal como ele é. Todavia, ao coletar informações, começamos a notar quais as disposições de cargos e atividades desempenhadas pelos/as profissionais desse mercado.

Ao explorarmos o campo, investigamos a composição da programação telejornalística nos âmbitos nacional, local, e do entretenimento, de cada emissora, bem como a ocupação de cargos de gerência nas bancadas dos telejornais, no ano de 2016.

Tabela 1 - Composição da programação nacional e local em cada emissora no ano de 2016.

	Grade de programas	% de programas nacionais e locais
BAND	E = 64 / TN = 4 / TL = 1	93% E / 6% TN / 1% TL
Rede Massa	E = 61 / TN = 4 / TL = 3	90% E / 6% TN / 4% TL
RIC	E = 24 / TN = 13 / TL = 4	58% E / 32% TN / 10% TL
RPC	E = 33 / TN = 10 / TL = 3	72% E / 22% TN / 6% TL
	TOTAL	78.25% E / 16.5% TN / 5.25% TL

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Legenda: E- entretenimento; TN – telejornal nacional; TL telejornal local; % - porcentagem sobre toda a programação veiculada nas redes televisivas paranaenses.

De acordo com os dados reunidos na tabela 1, percebemos que existe uma preferência pelo investimento em programas de entretenimento, que recebe uma média de 78,25% destes, ao passo em que telejornais locais recebem 5,25%, não muito abaixo dos telejornais nacionais, 16,5%, revelando o interesse das emissoras em programas que gerem audiência para o grande público. A opção pelo entretenimento se justifica pelo fato de que a audiência é ampla por abarcar uma faixa etária ampla. Entretanto, a ausência de programas especializados, isto é, que tratem de temas específicos, diminui as oportunidades de emprego, principalmente em cidades que apenas veiculam os jornais nacionais.

A tabela a seguir demonstra a presença das mulheres nos telejornais locais.

Tabela 2 – Apresentadores/as nas bancadas dos telejornais locais no ano de 2016

	Bancada dos jornais	% de homens e mulheres
BAND	H = 1 / M = 1	50% H / 50% M
Rede Massa	H = 4 / M = 1	80% H / 20% M
RIC	H = 3 / M = 1	75% H / 25% M
RPC	H = 3 / M = 0	100% H
TOTAL		78,57% H / 21,43% M

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Legenda: H – homens M - mulheres % - porcentagem sobre a disposição das bancadas de telejornais locais veiculados na cidade de Curitiba – PR.

Na tabela 2, alocamos os dados que contabilizam a questão propriamente dita divisão sexual do trabalho nas bancadas dos noticiários, fazendo com que percebamos que os homens representam 78,57% das aparições gerais; as mulheres, 21,43%.

Tabela 3 - Cargos de gerência ocupados por homens e mulheres no ano de 2016.

	Cargos de gerência	% de homens e mulheres
BAND	H = 3 / M = 0	100% H
Rede Massa	Não informado	Não informado
RIC	H = 2 / M = 7	22,22% H / 77,78% M
RPC	H = 11 / M = 15	42,31% H / 57,69% M
TOTAL		54,84 % H / 45,15% M

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Legenda: H – homens M - mulheres % - porcentagem sobre os cargos de gerência ocupados por homens e mulheres nas emissoras paranaenses.

Na tabela 3, fornecemos informações a respeito da ocupação dos cargos de gerência dos telejornais locais, e observamos que apresentam um índice quase igualitário de profissionais de ambos os sexos, sendo 54,84% exercidos por homens e 45,15% desempenhados por mulheres. Os dados revelam que as mulheres estão encontrando espaço nesse nicho de mercado e conseguindo progredir na profissão, contudo, quando se trata de aparição nas bancadas dos telejornais, ainda há um domínio masculino no Estado do Paraná.

Cruzando as informações apresentadas nas três tabelas, percebemos que o espaço destinado ao telejornalismo é bastante escasso em relação àquele destinado ao entretenimento, provocando o aumento da concorrência nesse meio de trabalho. Essa disputa por espaço, não raro, é um fator de discriminação, uma vez que temos mais homens apresentando telejornais que mulheres. Entretanto, as mulheres têm obtido sucesso na ocupação dos cargos de chefia. Dentro do universo da Análise do Discurso, uma das premissas é a relação discurso/poder, pois nem todos podem falar qualquer coisa para qualquer público de qualquer maneira e lugar. Essa premissa fundamenta a obra de Foucault (1996) um dos mais notáveis filósofos da linguagem.

A fala masculina, em uma sociedade patriarcal, como a brasileira, vale mais que a fala feminina, e isso acaba afetando diversos ambientes profissionais, e explica por que observamos mais homens do que mulheres em cargos de visibilidade no telejornalismo. Para a análise do discurso, a discussão entre linguagem e verdade é precípua e fundante. Foucault (1996) cobre essa temática, destacando quem pode emitir o discurso de verdade. Programas de jornalismo de notícias diferem do de entretenimento. Aquele traz a verdade (o Jornalismo, em geral, se sustenta por um discurso dado como neutro e verdadeiro); este, as futilidades, os costumes inusitados, o cotidiano pedestre, entre outros assuntos que tendem a agradar a qualquer tipo de público, sobretudo por ter o poder de fazer com que o sujeito se liberte, ao menos por um momento, dos problemas da vida cotidiana. Nesse caso, em que a sociedade regida pelos interesses dos homens comparece, teremos mais homens a protagonizar o jornalismo de notícias por este ser considerado mais racional e científico. O universo feminino é considerado mais apropriado para apresentar amenidades e generalidades.

As percepções das profissionais que já passaram pelas telas

As profissionais que nos forneceram as entrevistas já passaram pelas posições de apresentadoras nos telejornais, sendo que, especificamente, Alessandra Consoli, Iara Maggioni e Kelly Pedrita, no momento da entrevista em 2016, ainda permaneciam no cargo². Os relatos fornecidos revelam que: Adriana Milczevski apresentou o Paraná TV, 1ª e 2ª edições, na TV Esplanada, em Ponta Grossa; Adriane Werner foi apresentadora, gerente de jornalismo e diretora de jornalismo da RIC TV; Alessandra Consoli era apresentadora e editora-chefe do RIC Notícias, na RIC TV; Iara Maggioni apresentava o BAND Cidade, e o BAND News FM; e Kelly Pedrita apresentava o telejornal SBT Paraná, na Rede Massa.

As profissionais entrevistadas apresentam experiências específicas, mas que acabam convergindo em alguns momentos, e retratam a realidade do mercado. São estudos de caso, que trazem particularidades existenciais, mas as falas nos permitem certo grau de generalização, conforme apresentaremos a seguir.

As dificuldades das mães telejornalistas

O primeiro ponto de convergência nos discursos coletados foi a questão de a maternidade ser um fator não só discriminatório, mas também decisivo para o afastamento das mulheres dos cargos de maior visibilidade no jornalismo televisivo.

² Nos dias atuais (abril/2018), apenas Alessandra Consoli continua no cargo de apresentadora e editora-chefe do RIC Notícias.

Ah, tem a rotulação! A mulher profissional, claro, quando você vai falar da mãe, aí realmente você perde um pouquinho de espaço, que eu acho que em todas as carreiras a mãe não é muito bem vista dentro do mercado corporativo, mas a mulher tem conquistado muito espaço (Adriana Milczewski, 2015).

A perda de espaço no plano corporativo, por consequência da maternidade, não somente se associa a questões de gênero, mas ao capitalismo que valoriza os/as trabalhadores/as pelo tempo dedicado ao desenvolvimento de suas funções ou pelo rendimento de sua produção. No caso das mães que atuam no mercado de trabalho, o aumento de suas responsabilidades familiares é encarado como uma diminuição de sua dedicação ao serviço que presta.

Essa ideia provém da concepção familiar tradicional, na qual o homem se responsabiliza pela esfera social, assumindo o papel de provedor, enquanto a mulher se responsabiliza pelo espaço doméstico, sendo a ela atribuído o papel de tratar dos cuidados do lar e da família. Desse modo, há uma pressão social sobre o cumprimento das funções designadas como maternas, a fim de que as mulheres retornem ao que se compreende como seu lugar de origem.

Apesar disso, antigas práticas como a cobrança para ser uma mãe infalível, o julgamento sobre as formas de maternar e a culpa causada por escolhas que interfiram no bem-estar dos filhos continuam presentes. Se as mulheres conquistaram mais espaços e possibilidades, essa ampliação recai na forma de possíveis falhas em seu bom desempenho materno (SOUZA, 2018: 101).

Para a manutenção dessas estruturas hierárquicas, cada mercado profissional cria mecanismos de exclusão característicos da divisão sexual do trabalho que “tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva” (Hirata; Kergoat, 2007: 599). Essa realidade é reproduzida nos discursos das entrevistadas, como vemos. Porém, há uma crítica a isso:

Por exemplo, quando eu era apresentadora do Bom Dia Paraná, eu tive uma filha, e a mulher, quando tem filho, ela muda. A prioridade dela muda, né? Por exemplo, se antes eu fazia o Bom Dia, fazia o primeiro, fazia o segundo, porque eu tinha disposição, com uma filha, você não tem. Então, daí, o mercado te via “hum, tá desmotivada”, entendeu? “Porque tem uma filha pequena, então não dá pra gente contar com ela sempre”, e quando você tá num lugar em que prevalece a cabeça masculina, homem não entende isso, “ah tá fazendo corpo mole”. Acho que isso tem muito dentro das redações (Alessandra Consoli, 2015).

O discurso de Alessandra Consoli demonstra que a trabalhadora, mãe, sendo responsável pela reprodução da espécie, do ponto de vista biológico, não é valorizada. O mercado de trabalho é masculino, pois, quando a mulher está em condição frágil para ele, não podendo ter dedicação exclusiva, é descartada, desvalorizada. Para isso, criam-se termos eufemísticos, como “desmotivada”, e termos mais depreciativos, como “corpo mole”. O trabalho que vale é o das corporações; já o de sobrevivência da espécie, que é sua base, é desvalorizado.

Outra questão a ser levantada é que o mercado de trabalho é competitivo, e quando uma trabalhadora se torna mãe, esse fator vai enfraquecê-la em um ambiente no qual impera a produtividade ininterrupta. A necessidade de cuidados com o nascituro propicia uma depreciação da mulher, por parte, inclusive, de seus/suas colegas, que almejam, conscientemente ou não, ocupar o cargo da colega afastada.

Acho que quando você não é mãe, homem e mulher é igual no mercado de trabalho, não tem diferença alguma, mas quando você é mãe, é diferente porque a não ser que você seja uma mãe desnaturada e não tenha coração, porque daí tem o lado bom e o lado ruim (Alessandra Consoli, 2015).

Entre a carreira e a maternidade, muitas optam por esta, tomando-a como natural e de dedicação exclusiva da mulher. Porém, o afastamento de licença-maternidade, legalmente conquistado pelas lutas feministas, acaba por se perpetuar após o período previsto pois, muitas das vezes, as mulheres acabam sendo transferidas para funções de menor prestígio nas bancadas dos telejornais. A maternidade interfere diretamente na perda da função, demonstrando que a sociedade não a valoriza a mãe como parte fundamental para a reprodução da espécie.

Em uma sociedade guiada pela exclusiva centralidade do trabalho, que oblitera outras dimensões humanas, as mulheres se sentem apequenadas quando se ausentam do meio laboral. O pensamento coletivo tem se pautado exclusivamente como laudatória do ser produtivo na esfera do trabalho assalariado, e o distanciamento desse ambiente gera, muitas vezes, depressão, ansiedade e culpa. A profissional mãe³ sente o peso desse valor desmedido da carreira.

O trabalho com o outro e o cuidar de outrem, em dedicação quase exclusiva, em virtude de sua natural dependência física e fragilidade, é menosprezado em nossa sociedade. Apenas o trabalho corporativo em prol do giro do capital, é valorizado. Somos abarcados pelo discurso hegemônico de valorização do trabalho assalariado, e não estamos imunes às consequências deletérias de seu poder de fixar identidades laborais. *“Lembro muito do dia em que me despedi no ar, do Bom Dia Paraná, anunciando minha segunda licença-maternidade. A voz faltou, o ar diminuiu, e o meu coração, de*

³ Compreendemos que as mulheres não devem ser diferenciadas pelo fator “reprodução”, assim como os homens não são. No mercado de trabalho, elas precisam ser respeitadas como profissionais, independente do elemento “maternidade” que faz parte de outra esfera. Entretanto, neste trabalho a classificação “profissional mãe” é necessária, pois o conteúdo dos discursos aponta desigualdades entre mulheres que possuem ou não filhos.

alguma forma, me alertava que eu não voltaria mais para aquela bancada” (Adriana Milczewski, 2015).

O mercado cria meios de realocar essas trabalhadoras retiradas dos telejornais, transferindo-as para programas de entretenimento, cientes das necessidades dessas trabalhadoras e sua dedicação pela profissão. Entretanto, no meio jornalístico, o telejornal é mais prestigiado, e, perder o cargo, nesse cenário, é um sinal de desvalorização do profissional. O jornalismo de notícias é valorizado por apresentar fatos e elucidar a verdade de quem o emite, logo, perder esse espaço é algo negativo, como vemos na fala seguinte:

Quando eu estava pra retornar pra TV, me ligaram e falaram: “olha, a gente quer formar um núcleo de programas especiais, e vamos pôr em prática aquele projeto que estava guardado, só que é diferente, você vai sair do jornalismo porque a gente quer que a tua imagem realmente seja diferente, e se você permanecer nos jornais diários a gente não tem como desvincular você da imagem do jornal diário, então a gente vai te retirar aos poucos”, aos poucos na verdade eu não voltei pro jornalismo depois da minha licença-maternidade (Adriana Milczewski, 2015).

Todavia, mesmo com a consciência de que a maternidade é um desafio enfrentado pelas profissionais inseridas no mercado telejornalístico, Adriana Milczewski e Alessandra Consoli convergem na ideia de que as qualidades adquiridas a partir do ofício materno beneficiam o trabalho. Entretanto, a prática revela que a realidade enfrentada pelas mães não é aquela que aproveita as qualidades adquiridas, mas que as coloca em posições de reserva:

A maternidade talvez ainda seja um ponto que precise de um entendimento melhor no meio corporativo. Ao contrário do que se possa imaginar, a profissional mãe, é muito mais organizada e ágil. Esse período (licença maternidade, que não é um período de férias) longe do trabalho nos dá essa capacitação. [...] os filhos são a recompensa de um dia longo e cheio de trabalho. Eu acho que a maternidade só beneficia o mercado de trabalho (Adriana Milczewski, 2015).

O lado ruim que é lógico você vai ter que abrir mão de algumas coisas por causa da maternidade, mas por outro lado você se torna mais sensível e a empresa ganha com isso, você ganha mais experiência de vida, você consegue pelo menos na minha área que é uma área que eu lido com o social, eu lido com o sentimento das pessoas, e lido com assuntos delicados, acho que foi muitas vezes o meu olhar de mãe é que definiu uma notícia, é que definiu o encaminhamento daquilo e deu um corpo que deveria ter sido dado para aquele encaminhamento (Alessandra Consoli, 2015).

Percebemos, nessas falas, a redução da vida ao labor, pois até a maternidade tem uma funcionalidade para o trabalho, gerando mais produtividade e eficácia para a profissional. As falas demonstram que as mulheres trabalhadoras não questionam a dimensão monológica da atividade assalariada que a tudo e todos/as barca. Até o espaço do lar, da maternidade, da família, é contabilizado para a produtividade. A transição das mulheres para o ambiente externo à casa deve passar por um processo de reflexão, em vista de que somos dadas no discurso hegemônico da centralidade da ocupação assalariada, sendo as outras dimensões sociais submetidas às laborais.

O padrão de beleza ainda é imperativo

O diferencial do mercado televisivo é a exposição da imagem dos/as trabalhadores/as, o que cria regras e normas tanto para a aparência quanto para o comportamento. Quando questionada sobre as mulheres do telejornalismo que causam admiração, Adriane Werner citou a Cristiane Pelajo, por um motivo singular: “*Gosto bastante da Cristiane Pelajo, do Jornal da Globo, da noite, ela é bem interessante porque ela não tem o padrão de beleza*” (Adriane Werner, 2015).

Essa fala revela muito da questão do modelo de beleza, pois, ao destacar que a admirada, Cristiane Pelajo, não se enquadra no modelo, Werner demonstra que há um paradigma. Ao refletirmos sobre o mercado telejornalístico e a exposição pública dos profissionais que estão inseridos nesse meio, questionamos o padrão de beleza esperado das apresentadoras, bem como de que modo esse modelo interfere no trabalho das profissionais desse mercado. “*A maioria das Redações era, sua maioria esmagadora, de chefes homens, então eles olhavam uma carinha bonita ‘ah, essa aqui pode estagiar’, a carinha não era tão bonita, ‘ah, não!’, então a TV sempre teve muito isso, infelizmente, no início tem muito isso*” (Alessandra Consoli, 2015).

O discurso da Alessandra Consoli expõe o desafio enfrentado pelas mulheres para seguir a carreira jornalística, na qual a estética é, muitas vezes, determinante. Contudo, essa realidade ainda se faz presente no cotidiano dessas profissionais, como percebemos na seguinte fala:

E eu acho que algumas emissoras ainda têm aquela cabeça de: “ai, a mulher é gostosa, bonita, vamos expor o corpo dela” e colocam a mulher só como essa figura, mas eu vejo que isso tá mudando muito. Por exemplo, aqui, na Rede Massa, isso não existe, ‘beleza, uma mulher bonita, tem que aproveitar o lado teu lado mulher bonita, sensual, mas não esquecer do principal que é a notícia, do profissionalismo e o jornalismo (Kelly Pedrita, 2015).

Kelly Pedrita revela que o padrão de beleza não interfere negativamente na ascensão de cargo na Rede em que ela trabalha. Essa realidade corporal reducionista está presente nos macro discursos sociais, e somos atravessados por essas falas,

como assevera Foucault (1996). Urge questioná-las a respeito da valorização feminina além dos padrões corporais. Muitas vezes, a aparência torna-se o motivo para a discriminação ou para determinar o “sexismo instrumental”, definido por Lima (2013) como um tipo de violência moral caracterizado pelas falas e comportamentos utilizados como estratégia para assegurar a sustentação das hierarquias. Esse tipo de sexismo utiliza discursos que buscam desprestigiar os méritos conquistados pelas mulheres, sendo a beleza feminina o principal alvo de comentários deslegitimadores, como se o corpo feminino fosse uma arma de sedução, ou a única forma de alcançar o sucesso profissional.

No primeiro programa que eu trabalhei, que foi o Jogo Aberto, até tinha uma pessoa que falava assim: “não faça muito comentário”, quando eu fazia comentário, me envolvia mais: “não faça muito comentário, você nem é formada, então não se envolva muito”; esse tipo de machismo no início ocorreu até pelo fato de eu ser uma mulher bonita, então assim, até hoje: ‘mulher bonita é burra’, ligam uma coisa com a outra (Kelly Pedrita, 2015).

No sexismo instrumental, exaltam-se as características estéticas das profissionais, com o intuito de minimizar suas conquistas. Essas construções ideológicas que abonam o corpo em detrimento das qualidades intelectuais, na realidade, interdita a fala para a mulher considerada “bonita”. Pode ser exposta, mas não ouvida. Mais uma vez a Análise do Discurso nos auxilia, visto que a interdição discursiva opera aí de modo a enfraquecer o universo feminino. Desvincula-se a ideologia do corpo. Corpos femininos se dispõem para serem apreciados, mercantilizados. São coisas desprovidas de linguagem, e, conseqüentemente, de pensamento. Uma vez que a linguagem é poder e verdade, somos despossuídas desses atributos. O jornalismo trata da verdade e discurso, desse modo a exclusão da fala da mulher leva à sua desvalorização.

Agora, jornalista de televisão que eu admire, bom, eu gosto da apresentadora do Jornal Nacional que é a Renata Vasconcelos. Mais pela postura, não tanto pelo conteúdo. Não que ela não tenha, mas talvez ela também não tenha espaço para demonstrar, mas, pela postura que ela tem, tem a sobriedade que ela traz pro jornal [...] (Iara Maggioni, 2015).

Ainda que a existência de uma exigência estética seja algo visível no telejornalismo nacional, existem particularidades mais abrasivas em âmbito local. Quando questionada sobre a transferência de consagradas telejornalistas para o entretenimento, Alessandra Consoli apontou para uma questão velada no telejornalismo paranaense: a impossibilidade de as mulheres permanecerem frente às câmeras após envelhecerem.

O que me chama atenção, eu acho que é aí que a gente tem que acordar, é que você vê muita mulher indo pro mercado do entretenimento. A jornalista, ela chega a uma idade, já vai pro entretenimento, parece que o jornalismo não quer comportar uma mulher mais velha, então, vai pro entretenimento, entendeu? (Alessandra Consoli, 2015).

Essa realidade, segundo a entrevistada, justifica-se pelo excesso de homens nos cargos de chefia que determinam os paradigmas da profissão, bem como quem fará parte desse meio. O envelhecimento físico da mulher não é acompanhado de maturidade intelectual:

[...]então, acho que essa realidade vai começar a mudar, mas, até aqui, com a cabeça masculina na gerência, você fica na TV até os 30, 30 e poucos anos, depois, eles arrumam outra coisa pra você. Essa é a realidade. [...] Eu acho que, sim, eu acho que é o que eu falei pra você, por exemplo, o William Bonner com certeza ainda vai ficar mais uns 10, 15 anos, a Fátima, já falavam que ela tava velha, então, eu vejo isso como um preconceito. Eu, hoje, sou a jornalista mais velha do estadual que está no ar, entendeu? E é um absurdo, porque, se você for ver, com 43 anos você tá em ampla produção e atividade profissional, a tua começa aos 40, você tem experiência, você tem um monte de coisa que não tinha antes, né? Eu acho que voltamos àquela coisa do reflexo do excesso de homens na chefia e na gerência. Tem que mudar, isso tá mudando, pelo menos vejo a passos mais lentos, mas tá mudando (Alessandra Consoli, 2015).

Embora o telejornalismo nacional apresente abertura maior para as mulheres de mais idade, o mesmo não ocorre em âmbito local. O Estado do Paraná carece de estudos que analisem essa diferenciação, contudo, acredita-se que “A questão do envelhecimento das mulheres é vista como um tabu em nossa sociedade, o qual é perpetuado pela sociedade do consumo sustentada, nesse âmbito, por meio da comercialização de produtos estéticos que visam retardar ou esconder essa condição [...]” (Quaesner, 2018: 76). Sendo assim, perdura ainda o critério beleza, aprofundando um estereótipo social nocivo, que valoriza o corpo, e não a mente, da mulher, impedindo que a maturidade traga a ascensão laboral. Alessandra Consoli nos informou que é a profissional com mais idade a integrar a bancada dos telejornais locais, no entanto, justificou que a RIC TV, no Paraná, é chefiada por uma mulher, o que proporciona maior compreensão, inclusive na questão da maternidade.

Já nacionalmente, não, você vê muita figura feminina de mais idade. Tem, por exemplo, a apresentadora do Jornal Nacional deles, tem 43 anos, o que jamais aconteceria aqui [...]na TV onde eu trabalho, aqui, na RIC, eu já vejo um movimento muito melhor, não é só porque eu trabalho aqui, não. Eu tenho uma chefe, que

é a Ivete, que é mulher, não que ela privilegie mulheres, não, mas ela sabe que se ela colocar uma mulher, ela sabe que o negócio vai andar, porque ela é mulher também; ela é mulher, tem 3 filhos, às vezes tem que sair no meio da redação pra resolver um problema de filho, então, quer dizer, aqui, pelo menos, eu sinto um começo de transformação, e, aos 43 anos, como o programa que eu faço às vezes tem dado ibope, tem dado resultado, eu sinto uma valorização que eu não sentiria em outro lugar (Alessandra Consoli, 2015).

Positivo nas falas é o fato de as entrevistadas apostarem em uma alteração de comportamento à medida que mulheres ascendem a cargos de diretoria e gerência, pois isso, conforme acreditam, poderia provocar uma mudança orgânica ao passo que a vivência efetiva dos entraves ao acesso da mulher no mercado profissional, seria benéfica ao mesmo, dando-lhe outro sentido. As contradições vividas, e sofridas, no meio laboral, podem aprimorá-lo, se as mulheres tiverem acesso a posições de gestão. Talvez o trabalho possa ser ressignificado a partir da experiência de vida das mulheres que trabalham dentro e fora do espaço doméstico, refletindo sobre sua luta dentro desse contexto.

Cargos de gerência: heroínas em uma trajetória de provação

A divisão sexual do trabalho determina o local das mulheres no mercado laboral e o valor que será atribuído ao seu serviço de acordo com o princípio hierárquico (Hirata; Kergoat, 2007), em que o labor dos homens vale mais do que o das mulheres. Nesse contexto, elas se deparam com o labirinto de cristal⁴ (Lima, 2013), no qual enfrentam obstáculos simplesmente por serem mulheres.

No telejornalismo paranaense, as mulheres têm encontrado diversas oportunidades, inclusive em cargos de gerência, mas, conforme indica Pedrita, “[...] apesar da gente estar conquistando nosso espaço, mostrando cada vez mais a nossa força, eu ainda acho que tem um pé atrás, um preconceito com a mulher em cargos de chefia” (Kelly Pedrita, 2015). E Maggioni corrobora:

[...] é possível você conquistar um cargo de chefia, só que as suas provações serão maiores, você vai ter que mostrar, não mostrar capacidade, porque, é claro, todo mundo tem, mas você vai ter que bater mais nessa tecla de que você é capaz na comparação do que o homem tem que fazer, é o que eu acho (Iara Maggioni, 2015).

⁴ Betina Stefanello Lima define o termo indicando “que os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem à categoria “mulher”, estão dispostos ao longo de sua trajetória acadêmica, e até mesmo antes, na escolha da área de atuação” (p.883).

Embora se encontre espaço para a mulher nesse meio, a percepção que invade as Redações dos telejornais é de que, para se manter no emprego, e ascender a cargos melhores, é necessário se defrontar com provações maiores que aquelas enfrentadas pelos homens. Parece que a trajetória das mulheres rumo a cargos de maior prestígio deve ser testada, tal qual fossem heroínas de romances, isto é, devem passar por inúmeros obstáculos e vencê-los a fim de serem agraciadas, ao final, com o posto desejado. E tais provações devem ser publicamente verificadas como se elas estivessem em um teste de eficiência, que não é administrado da mesma maneira aos colegas do sexo oposto. Esse fenômeno é confirmado por fatores como a diferença salarial, que ocorre mesmo quando as mulheres alcançam cargos de gerência.

[...]quando você é mulher, você parece que tem que provar algo; provar mais do que você sendo homem. Pode parecer uma besteira, mas a sensação que se dá é que, não, se eu tenho uma carga horária, se eu tenho a mesma função que é desempenhada por um colega meu que é do sexo masculino; eu tenho que me empenhar mais, eu tenho que mostrar mais do que ele por ser mulher (Iara Maggioni, 2015).

Como eu disse, na nossa profissão no jornalismo, a presença da mulher impressiona muito, muito, a gente ainda percebe um pouco em cargos de chefia, em cargos de direção, uma preferência maior pelo sexo masculino, e quando a gente alcança esses cargos de chefia, gerência, de direção, ainda ocorre uma diferença de salário, é triste mas ainda é verdade (Adriane Werner, 2009).

Dentre as provações enfrentadas pelas mulheres ao buscar uma posição superior, existe a necessidade de ultrapassar e transcender os feitos dos homens para contornar a discriminação e o sexismo instrumental. Existe, também, um sentimento de que, para se obter o respeito, é necessário chegar a postos superiores. *“[...]quando eu fui estagiária, já ouvi uma brincadeira ou outra por ser mulher, mas não, quando você assume um posto de uma hierarquia superior, as pessoas não brincam mais, as pessoas já te respeitam um pouco mais” (Iara Maggioni, 2015).*

Para alcançar a ascensão profissional, é preciso que a mulher assuma uma postura objetiva, racional, e imponente, características atribuídas ao sexo masculino, as quais são provenientes do pensamento tradicionalista em uma lógica binária (Sardenberg, 2001), sendo o oposto o que é atribuído ao sexo feminino, que é composto por características subjetivas e subordinadas ao primeiro.

Hoje não, porque tudo depende da tua postura também né? Você se impõe a isso ou você se retrai, então sempre fui uma pessoa de personalidade, sempre me impus a isso, então eu conquistei meu espaço, então acho que hoje eu não sinto preconceito, mas já senti bastante por ser um mundo muito masculino, muito machista (Kelly Pedrita, 2015).

A difícil desconstrução das construções ideológicas de longa duração

A tomada de consciência para as questões relacionadas à divisão sexual do trabalho e os entraves para a emancipação das mulheres não é simples. As construções ideológicas são impostas desde o início da vida em sociedade, e podem libertar ou alienar, tornando as contradições sociais imperceptíveis ou naturalizadas. São dadas, mormente, por discursos hegemônicos que, segundo a Análise do Discurso, nos sujeitam. Embora as mulheres tenham conquistado seu espaço em vários âmbitos da esfera pública, os discursos tradicionais ainda permanecem, reforçando que esta esfera é destinada, quase prioritariamente, aos homens, mesmo após a inserção feminina.

Então não é dizer que a mulher é melhor do que o homem, não, pra algumas profissões o perfil psicológico da mulher é mais adequado, e nos cargos de chefia e liderança facilita muito o fato da mulher ter a inteligência emocional e de ter essa atenção difusa, que é a capacidade de se concentrar em mais de um assunto ao mesmo tempo (Adriane Werner, 2009).

A movimentação social faz o mercado capitalista se apropriar desses discursos para incluir a mão de obra feminina, de forma que se possa motivá-las ao mesmo tempo que as subordina às jornadas exaustivas, sem excluir as obrigações que devem assumir em âmbito privado. Desse modo, é elaborado o discurso de que as mulheres são capazes de realizar inúmeras tarefas em diversos espaços, e isso as torna especiais.

A mulher tem essas coisas que é mulher que tem que fazer, mesmo eu sendo completamente contra o machismo, eu acredito que tem coisas que a mulher tem que saber fazer, que a mulher tem que assumir, sabe? Que é diferente do homem. O homem tem suas responsabilidades, assim como a mulher também tem, e eu sou uma mulher que eu gosto de cuidar da minha casa, então, eu gosto de ser profissional, eu gosto de ter o meu trabalho, de ter a minha independência, mas eu gosto de ser dona de casa, então cansa, e isso acaba te deixando sobrecarregada às vezes (Kelly Pedrita, 2015).

Sim, nós podemos ter uma vida equilibrada entre família e carreira, desde a gente tenha organização [...] se as mulheres carregam mais responsabilidade que os homens, depende. Depende muito da pessoa que você escolhe pra estar com você (Adriana Milczewski, 2015).

Tais discursos, que apostam na multifuncionalidade da mulher, criam ideais identitários, nos quais o padrão que se busca é o de mulher independente, multitarefas, poderosa, aquela que atende aos interesses do capital e também da família. A mulher responsável somente pela esfera privada não tem mais tanto valor quando se pode ser mais do que isso, transformando-se em uma “supermulher” (Lima, 2013).

Eu via a Sandra Passarinho, a repórter que até hoje tá na ativa. Eu a via assim e achava ela o máximo, pra mim era um símbolo, eu não entendia isso na época porque eu era criança. Mas, hoje, codificando isso, eu vejo, assim, que era um símbolo de independência, assim, sabe? De uma mulher que era diferente da minha mãe. [...] Que a minha mãe era dona de casa, ela não participava muito de debates com o meu pai, assim. Tinha um mundo muito masculino e feminino dentro de casa. Quando eu vi a Sandra Passarinho vi que esse mundo não tinha diferença, então ela me marcou muito, então eu tive vontade de fazer jornalismo por causa dela (Alessandra Consoli, 2015).

Esse conflituoso campo de batalhas dos discursos, ao mesmo tempo que configura modelos quase inalcançáveis do tipo de mulher que se deve ser no contexto atual, cria mecanismos de discriminação e exclusão, devido às raízes pautadas na concepção da família tradicional. A vida das mulheres acaba se resumindo à necessidade de realizar uma escolha entre se dedicar à lógica do capital e abrir mão de ter uma família, ou de abrir mão de se tornar a mulher ideal para se dedicar somente à vida privada. Não raro, cai-se na falácia de que as mulheres são seres que tudo podem e, na realidade, elas acabam assumindo inúmeras tarefas estafantes, arruinando sua saúde física e mental, por reproduzirem o discurso da *superwoman*.

Quando fazemos uma escolha por carreira, abrimos mão de muitas outras coisas na nossa vida pessoal. Os desafios podem parecer mais fáceis quando você tem uma disponibilidade maior. [...] Acho que se a mulher se colocar como a vítima frágil dentro do sistema, sim, vai carregar mais responsabilidades, mas, se ela se posicionar diante da vida, sabendo o que é importante pra ela, e der os devidos peso, valor e tempo que cada um merece, então a hora que você encontrar esse equilíbrio, vai conseguir levar bem carreira e família (Adriana Milczewski, 2015).

Para as mulheres expostas na televisão, a pressão pelo modelo ideal torna-se um pouco mais elevada, pois, além das construções ideológicas, ainda existe um discurso de espelhamento, no qual essas mulheres serão vistas como exemplos para a sociedade, para outras mulheres, por estarem em uma posição de destaque que outras querem alcançar.

Eu volto a falar da Sandra Passarinho, até hoje ela está no ar como repórter. Mostra que a reportagem não é um vestido bonito, a reportagem é um pouco o texto, é a credibilidade, você vê o cabelo branco da pessoa e fala assim, 'ela não tá falando isso à toa, ela tá sabendo o que ela tá falando'. Eu acho que, como o público também tá envelhecendo, ele tá ficando mais exigente, isso é muito bom. Quanto mais exigente o público for, melhor vai ser o jornalismo (Alessandra Consoli, 2015).

Neste discurso também podemos observar um destaque para a centralidade do trabalho e do labor exigente, aceito sem questionamentos, por haver um desequilíbrio, visto que o público passa a exigir da profissional, e, ela, por sua vez, a ele se submete. Mas, como reagir ao outro? Como, também, demonstrar seus limites? Suas fraquezas? Só o público, ou seja, a audiência, o cliente, tem razão? Óbvio que em um telejornal é necessário que se tenha público ouvinte, a fim de que a publicidade possa para ali acorrer, mas, qual o preço disso para a trabalhadora? Não há questionamentos sobre isso. Novamente, insistimos na necessária problematização da centralidade exclusiva do trabalho em nossas vidas. É necessário se questionar essa exclusividade, pois, o trabalho assalariado, fora do espaço doméstico, foi acrescentado a este, e o coloniza, gerando exaustão física e mental.

No livro *Jornalista: profissão mulher*, de Lia Habib, a entrevistada Anne Porlan, produtora do Programa do Jô, comenta que “a grande conquista das feministas foi aumentar a nossa jornada de trabalho” (Habib, 2005: 35). Esse tipo de discurso mostra que, muitas vezes, não há uma observação crítica, ou tomada de consciência, sobre a exploração do/a trabalhador/a no universo do trabalho, o que faz com que encontrem meios de culpar os próprios movimentos de lutas pelos Direitos Humanos, em vez de perceberem que o sistema capitalista se aproveita de todas as mudanças ocorridas em nossa sociedade. Do mesmo modo, ainda há muito para se avançar nas discussões de gênero, visto que a parcela da população que mais sofre com as diferenças sociais provenientes da temática, muitas vezes, atua como disseminadora de valores e ideias opressivas.

O mercado na visão das profissionais

Com o desenvolvimento de novas mídias associadas à internet, o mercado telejornalístico vem perdendo espaço e público. Para se manterem ativas, as Redações precisam se adequar, e isso impacta na condição das profissionais do meio.

[...] mas acho que falta, no nosso jornalismo, você investir em produção no sentido de investigação, de coisas novas, não ficar repetindo notícias e, enfim, repete aqui, repete ali, mas é por falta do que, não acho nem que seja falta de vontade, é falta de estrutura

mesmo das redações, elas estão cada vez menores porque os gastos tem que ser menores, um profissional tem que fazer duas ou três coisas e isso infelizmente não dá conta e isso acaba, na minha avaliação, acaba refletindo no público final [...] (Iara Maggioni, 2015).

Com o encolhimento desse mercado, as oportunidades estão menores, o que faz com que a disputa pelos cargos se torne mais acirrada e, embora as mulheres estejam conquistando seu espaço, e o cenário apresente perspectivas positivas de mudanças, a ocupação dos cargos de maior prestígio ainda pertence ao sexo masculino.

Eu nunca enfrentei preconceito por ser mulher, em cargos de direção, por exemplo, eu fui a primeira, ou uma das primeiras, quase certeza de que fui a primeira, diretora de jornalismo em uma emissora de televisão aqui no Paraná, e isso desde 2000, eu já assumi um cargo de direção, aí sim, fui pioneira como mulher, hoje em dia já tem várias outras mulheres em cargo de gerente ou de direção (Adriane Werner, 2009).

Não acho que tive dificuldade pra conseguir emprego por ser mulher, não na minha avaliação, mas ao mesmo tempo, por exemplo, cheguei hoje eu sou a apresentadora do BAND Cidade e eu saí não faz muito tempo da faculdade, faz um tempo, mas também não faz muito tempo, então se ouve alguma brincadeira tipo: “ah, saiu com alguém?” (Iara Maggioni, 2015).

Essas falas, por si só, revelam o preconceito existente, pois foi preciso chegar ao ano 2000 para se ter a primeira mulher em posição de chefia. E antes? Não havia telejornalismo? Óbvio que sim, e esses cargos eram ocupados exclusivamente por homens. A ascensão feminina tardia comprova a discriminação. A questão sexual é destacada, quando observamos por esse prisma, demonstrando que ainda vigora. Se assim não fosse, não estaria no discurso. A ideia da mulher sedutora ainda é atual e desqualifica a competência feminina.

A própria tecnologia veio a atuar de maneira dúbia, pois, ao mesmo tempo que fez o público ter outras opções de se informar, o que promoveu uma diminuição no investimento em telejornalismo, modernizou a estrutura dos telejornais, o que permitiu, segundo a entrevistada Adriane Werner, a entrada de mulheres em horários que eram permitidos somente aos homens.

O próprio jornalismo é uma dessas profissões que antigamente eram consideradas masculinas por causa do ambiente de redação do jornal, antigamente era uma coisa considerada super masculina, porque como uma mulher da sociedade vai trabalhar em um jornal e voltar pra casa de madrugada? Hoje em dia com o avanço tecnológico isso ficou muito facilitado, e tem sido totalmente

invadido pelo sexo feminino, somos maioria, visivelmente maioria no mundo, no Brasil e no Paraná (Adriane Werner, 2015).

Entretanto, não se questiona o *home office*, em que, pela rede, se pode trabalhar em casa e em horários noturnos. A tecnologia traz um subemprego tanto para o homem quanto para a mulher, que ficam presos/as ao ambiente laboral, mesmo estando em suas residências. Nesse sentido, como insistimos, há uma urgência em se questionar a onipresença do trabalho em nossas vidas. Talvez a mulher, por viver mais as contradições do universo laboral, possa contribuir nessa reflexão com mais propriedade.

O nicho do entretenimento tem crescido em detrimento do jornalismo de notícias, seduzindo-o público com uma programação, por vezes, alienante. Não importa quantos/as profissionais sejam excluídos/as esse processo, pois a criação de oportunidades em outros setores só será uma resposta positiva em um contexto de lutas por permanência dentro de um sistema no qual todos/as são substituíveis.

[...] então a televisão tem uma dificuldade ainda de ser atrativa, hoje né?, ser atrativa pro público. Eu acho que isso tá fazendo que muita gente migre pro entretenimento, mulheres migrem também pro entretenimento por essa questão. Talvez seja maior porque os empresários veem isso, os donos de TV veem isso e querem investir em entretenimento e eles aproveitam também as pessoas que já estão dentro desse ambiente que podem fazer [...] (Iara Maggioni, 2015).

A televisão tem um grande poder, pois é capaz de transmitir informações e fatos. E é, ainda, o veículo que atinge, com maior eficácia, a grande massa. Todavia, não podemos negar que, hoje, ela enfrenta uma concorrência acirrada, em que precisa competir com diversos tipos de outras mídias sociais, que disseminam informações em tempo real com grande facilidade. Seu poder de detentora das informações relevantes está diminuindo, sobretudo quando comparada a meios mais interativos, em que os apresentadores, ou *influencers*,⁵ conseguem conversar com públicos de variadas idades, ideologias, classes sociais e etnias. A fala seguinte versa a esse respeito:

Sim, é até uma discrepância porque hoje o Brasil tá envelhecendo, daqui 20 anos a maioria vai ser velho, então assim, se você não se aceita, não aceita a realidade, a gente tá criando um mundo paralelo à nossa realidade, eu acho que a televisão ela tem que ser um reflexo da sociedade, ela tem que ser um mundo não alheio ao que tá acontecendo (Alessandra Consoli, 2015).

⁵ Denominação utilizada na internet para designar profissionais que trabalham nas mídias digitais, a exemplo do *Youtube* e do *Instagram*, e têm alcance o suficiente para influenciar as pessoas através de seu conteúdo.

Não obstante, no cenário atual, as grandes emissoras televisivas continuam detendo o monopólio da informação, possuindo o poder de contar, e manipular, a verdade e os fatos. Mulheres e homens jornalistas têm se empenhado em construir, e desconstruir, notícias de todo tipo. Talvez aí resida uma oportunidade para as mulheres jornalistas tomarem posições diversas de seus colegas homens, muito embora acredite-se que “o desenvolvimento de um jornalismo de mais qualidade, com informações que atendam aos propósitos da mais valorização e respeito dos Direitos Humanos da mulher, se dará via mudança de cultura e desenvolvimento de políticas públicas relacionadas a isso” (Souza, 2009: 9). “Está ficando evidente que as mulheres, assim como os homens, têm outros interesses fora os interesses perenes da domesticidade” (p. 120), porque é isso que aconteceu. A mulher, simplesmente, percebeu que estava em um espaço ainda diminuto para o tamanho de suas capacidades, e assinou a própria carta de alforria.

Considerações finais

Tornar públicos os anseios e dificuldades vivenciados pelas mulheres nos mais diversos âmbitos é o primeiro passo para se construir um contexto igualitário, pois muitas ainda estão passando por situações de discriminação, sobrecarga, e exclusão, sem ao menos perceberem isso. Ao trazer à tona as vivências e a tomada de consciência de outras mulheres, temos o intuito de despertar uma identificação do próprio sofrimento e um encorajamento para enfrentar a situação.

Tanto a opressão do sistema capitalista quanto a concepção tradicional familiar, e a cultura patriarcal, dificultam a inserção social e profissional das mulheres, que são sempre responsabilizadas pelos cuidados com os afazeres domésticos ao mesmo tempo que precisam entrar em uma disputa injusta no mercado de trabalho. Essa situação as faz ter de se deparar com escolhas entre o trabalho e a família, o que nem sempre é possível, por questões monetárias, de tempo, e de saúde física e mental.

Ao tentar traçar um perfil identitário das telejornalistas entrevistadas nesta pesquisa, tivemos a oportunidade de compreender que a profissional desse meio, hoje, vivencia uma situação que está melhorando gradativamente, ainda que a passos lentos. Contudo, muitos são os fatores que dificultam, ou impedem, a ascensão para cargos de prestígio ou maior visibilidade, devido à forma como a maternidade e o padrão estético são encarados por essa sociedade, que é demasiado afetada pelo sexismo instrumental e pelas construções ideológicas patriarcais e machistas.

Ainda cabe ressaltar que, ao final da pesquisa, concebemos que as mulheres devem questionar sua inserção no mercado, em que prevalece a lógica da competitividade. O trabalho não pode ser reduzido a um meio de concorrência e um veículo exclusivo para a compra de bens materiais. A luta das mulheres por direitos deve caminhar junto a uma crítica radical à sociedade capitalista, e à exclusividade do trabalho em detrimento a outras dimensões sociais, como a vivência da família,

da comunidade, do bairro, dos amigos, e do tempo para si. As mulheres, por viverem contradições substanciais no cenário laboral, podem refletir melhor sobre o mesmo.

Referências

ABRAMO, Laís. (2007). “Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária?”. In: H. HIRATA, L. SEGNINI (organizadoras). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Editora Senac. (Série Trabalho e Sociedade).

ANTUNES, Ricardo. (2002). *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. 8. ed. Perdizes: Cortez.

ENGELS, Friedrich. (1984). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Tradução de Leandro Konder. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A.

FOUCAULT, Michel. (1996). *A ordem do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Loyola.

GORZ, André. (2003). *Metamorfoses do trabalho*. São Paulo: Annablume.

HABIB, Lia. (2005). *Jornalista: profissão mulher*. São Paulo: Sapienza Editora.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. (2007) “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho”. *Cadernos de Pesquisa*. Vol. 37, n. 132, pp. 595-609. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>.

LIMA, Betina Stefanello. (2013) “O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física”. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 21, n.º. 3, pp. 883-903. Florianópolis. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n3/07.pdf>. Acesso em: agosto de 2017.

MARX, Karl. (1996). *O Capital: Crítica da economia política: Volume I, Livro Primeiro, Tomo I*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural.

QUAESNER, Giselle. (2018). *Os desafios da maternidade no cenário da comunicação telejornalística paranaense*. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

SARDENBERG, Cecilia M. B. (2001). *Da crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?*. X Encontro da REDOR. Salvador.

SOUZA, Ana F. C. (2009). “Mulheres jornalistas – percursos e percalços”. V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. Salvador. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19152.pdf>. Acesso em: outubro de 2019.

SOUZA, Ana L. F. (2018). “Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais”. *Revista Ártemis*. Vol. XXV, nº 1, pp. 89-112. João Pessoa. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/37640/20599>. Acesso em: setembro de 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em 01/09/2019.

Aceito em 06/05/2020.